

Análise das Representações Sociais de Catadores de Lixo de Sergipe Acerca de Sua Realidade Social

Jairo Andson Oliveira

*Faculdade Pio Décimo
Aracaju, SE, Brasil*

Sheyla Christine Santos Fernandes

*Universidade Federal de Alagoas
Alagoas, SE, Brasil*

Saulo Santos Menezes de Almeida

*Universidade Federal de Sergipe
Aracaju, SE, Brasil*

RESUMO

No presente trabalho analisou-se as representações sociais dos catadores de lixo de um município de Sergipe, através do estudo dos sentimentos auto atribuídos, das expectativas de vida, dos conceitos atribuídos à mão-de-obra na lixeira e das relações entre essas três variáveis. Para tanto, foi aplicada a entrevista a trabalhadores do lixão, no próprio local onde labutam. Procurando obter uma melhor compreensão da exclusão social bem como de seus efeitos, foi feito – antes da análise dos dados – um estudo a respeito da mesma desde a origem do seu recrudescimento no Brasil até a sua atual forma de manifestação em Sergipe. Em seguida, apresentou-se o quadro teórico contemplando as definições referentes ao estereótipo, preconceito, discriminação, representação social, identidade social e outros conceitos, destacando as ideias de Allport sobre o preconceito e de Moscovici sobre as representações sociais. Através dessas concepções, examinaram-se os discursos que foram obtidos mediante a aplicação de uma entrevista aberta com roteiro semiestruturado. A análise dos dados revelou que, não obstante as aparentes divergências entre as respostas, todos os sujeitos apresentaram dois elementos comuns que perpassaram os seus discursos e comportamentos: a vergonha e o sofrimento. Ambos revelaram a incidência da discriminação e do preconceito sobre os catadores de lixo. Devido a essa situação eles elaboraram representações negativas de si.

Palavras-chave: Exclusão social; representações sociais; preconceito; discriminação; catadores de lixo.

ABSTRACT

Analysis of Social Representations of Garbage Collectors of Sergipe About Their Social Reality

In the present study analyzes the social representations of the garbage from a city of Sergipe, through the study of self assigned feelings, expectations of life, the concepts attributed to manpower in the trash and the relationships between these three variables. To this end, the interview was applied to workers of the garbage dump on the spot where toil. Achieving a better understanding of social exclusion as well as its effects have been done – before the data analysis – a study about the same since the beginning of its resurgence in Brazil to its current manifestation of the disease in Sergipe. Then presented the theoretical framework covering definitions related to the stereotype, prejudice, discrimination, social representation, identity and other social concepts, highlighting Allport's ideas about prejudice and about the social representations Moscovici. Through these concepts, we examined the speeches that were obtained by applying an open interview with a semi-structured. Data analysis revealed that, despite the apparent discrepancies between the responses, all subjects showed two common elements that have marked his speeches and behavior: the shame and suffering. Both showed the incidence of discrimination and prejudice on the garbage collectors. Because of this situation they have developed negative representations of themselves.

Keywords: Social exclusion; social representations; prejudice; discrimination; garbage collectors.

RESUMEN

Análisis de las Representaciones Sociales de los Basureros de Sergipe Acerca de Su Realidad Social

En este estudio se analizan las representaciones sociales de los recolectores de basura en una ciudad de Sergipe, mediante el estudio de los sentimientos de auto-asignados, la esperanza de vida, los conceptos atribuidos a la mano de obra en la basura y las relaciones entre estas tres variables. Con este fin, la entrevista se aplicó a los trabajadores del vertedero de basura en el lugar donde trabajan. Buscando conseguir una mejor comprensión de la exclusión social, así como sus efectos se han hecho – antes de que el análisis de los daos – un estudio sobre el mismo desde el origen de su resurgimiento en Brasil para su manifestación actual en Sergipe. A continuación, presentó el marco teórico que comprende las definiciones relativas a los estereotipos, los prejuicios, la discriminación, la representación social, identidad social y otros conceptos, destacando las ideas de Allport sobre el prejuicio y Moscovici sobre las representaciones sociales. A través de estos conceptos, se examinaron los discursos que se han obtenido mediante la aplicación de una entrevista abierta semi-estructurada. El análisis de datos reveló que, a pesar de las aparentes diferencias entre las respuestas, todos los sujetos tenían dos elementos comunes que han impregnado su discurso y el comportamiento: la vergüenza y el sufrimiento. Ambos mostraron la incidencia de la discriminación y los prejuicios de los recolectores de basura. Debido a esta situación se han desarrollado las representaciones negativas de sí mismos.

Palabras clave: Exclusión social; las representaciones sociales; los prejuicios; la discriminación; los recolectores de basura.

INTRODUÇÃO

O processo de exclusão social deflagrado no Brasil, durante o transcorrer da segunda metade do século XX, ganhou novas dimensões na década de 1990. A partir daí, a sociedade brasileira começou a sentir os efeitos excludentes provenientes da globalização neoliberal, como o aumento do desemprego e a redução gradativa do intervencionismo estatal no âmbito social (Sposati, 2002).

Os efeitos do neoliberalismo contribuíram para ampliar o abismo existente entre os ricos e os pobres, conforme pode ser evidenciado pelo aumento do contingente constituído por brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza. Semelhante situação continua deixando suas marcas praticamente em todas as paragens do país, segundo mostrou o trabalho elaborado por Sônia Rocha, concernente à questão da pobreza. O estudo contido em *A governabilidade e a pobreza no Brasil* trouxe à tona dados sobre a acentuação da miserabilidade da população, pois esta se apresenta formada por 30% de pobres, isto é, por pessoas desprovidas da capacidade mínima para suprir as próprias necessidades básicas de alimentação, moradia, vestuário, educação, despesas pessoais, habitação, afora alguns outros (Rocha, 1995). Em suma, é preciso entender o atual momento vivido pela exclusão social como resultado de um processo histórico acumulativo, cuja origem do agravamento foi deflagrada a partir do Programa de Metas do Governo de Juscelino Kubitschek – de 1955 a 1960 – para atingir o ápice na gestão presidencial do sociólogo Fernando Henrique Cardoso – de 1994 a 2002.

O slogan “50 anos em 5”, usado pelo presidente Juscelino Kubitschek para alardear a política desenvolvimentista propugnada pelo governo, é ilustrativo das dimensões que o “Programa de Metas” deveria atingir. Realmente o alcance do plano industrializante posto em ação por J. K. foi satisfatório no tocante à produção industrial. A esse respeito Gabriel Cohn avaliou-o como “bem-sucedido, ao menos no que se refere à produção industrial, que se expandiu amplamente (cerca de 80% entre 1955 e 1961)” (Cohn, 1978: 310).

Não obstante semelhante sucesso, houve um agravamento das desigualdades sociais no país, encoberto pelo aparente progresso vivido ao longo do segundo quinquênio da década de 1950. A ampliação do desequilíbrio social deveu-se à estratégia aplicada na promoção da industrialização. A ação governamental fundamentava-se em dois mecanismos, a saber: a realização de investimentos por parte do executivo federal, e a atração de recursos estrangeiros, que lhe caberia também.

O primeiro fator consistia na atuação estatal para empreender a construção da infra-estrutura básica exigida para a formação e desenvolvimento do setor secundário. Para tanto o presidente apelou para um expediente de cunho inflacionário: a emissão de papel-moeda. Com o emprego de semelhante medida pretendia-se ampliar a capacidade de obtenção de recursos – por parte do Estado – destinados ao financiamento do movimento industrializante em curso. A captação, internamente, de capitais consistia na “estratégia sistemática de criação de poupanças forçadas, o que era altamente oneroso para os setores subalternos” (Mendonça, 1995: 278). O ônus nesse caso explica-se pelo fato da inflação ser responsável por consumir, gradativamente, a potencialidade aquisitiva dos salários auferidos pela classe trabalhadora, visto que “transfere, indiretamente, recursos dos assalariados para os empresários” (Cohn, 1978: 312).

Logo, o processo inflacionário não apenas reduziu o poder aquisitivo dos trabalhadores, como também contribuiu, indiretamente, para a diminuição das vagas de trabalho disponibilizadas pelo setor secundário, num momento caracterizado por elevadas taxas de crescimento demográfico e de êxodo rural, as quais contribuíram para o aumento populacional – em curso – no meio urbano. Houve, em razão das especificidades do processo de industrialização implantado no Brasil, um inchaço do setor terciário, porque a sobra de mão-de-obra, foi procurar emprego nele. Surgiu, a partir de então, a figura do “subproletariado marginal urbano”, consoante a denominação utilizada por Cohn (1978), ao abordar a expansão exagerada ocorrida nos ramos da prestação de serviços, comércio, etc.

No decênio de 1960, o contingente de indivíduos excluídos começava a aparecer nas cidades sob a forma, como já foi dito anteriormente, da figura chamada de “subproletariado marginal urbano”. Esse ator social constituiu-se num elemento de transição para os futuros grupos de excluídos – que é o objeto de estudo deste trabalho – do limiar do século XXI. Esta expressão, elemento de transição, está sendo utilizada para se referir aos subproletários pela razão destes compartilharem determinadas características sócio-econômicas – subemprego e insegurança social – e psicossociais – impotência, descrédito social, problemas com a autoestima – com os catadores de lixo.

Continuando a abordagem histórico-social sobre a ampliação das desigualdades no Brasil, tem-se com a Ditadura Militar – 1964 a 1984 – o agravamento do problema. No transcorrer da conjuntura autoritária, o movimento de desagregação social acelerou-se devido à política alicerçada no binômio desenvolvimento-

repressão. O capital vindo do exterior continuou sendo a mola propulsora da industrialização brasileira, com uma agravante: o caráter do modelo em voga tornou-se ainda mais excludente e concentrador, pois a repressão posta em prática “visava desmantelar as organizações dos trabalhadores nas suas lutas por melhorias salariais” (Rezende, 1993: 115).

A retirada das Forças Armadas do comando dos destinos da nação suscitou novas esperanças no povo, precipuamente, relativas às melhorias a serem executadas na esfera sócio-econômica. Ao contrário das expectativas da grande maioria, o processo de exclusão social continuou progredindo por quase todas as regiões do Brasil. Conforme foi evidenciado ao comparar pesquisas realizadas em 1980 e 1988, dedicadas ao estudo da expansão da miséria. Mediante o cotejo dos resultados auferidos pelos dois trabalhos, notou-se que o problema propagou-se durante o intervalo de oito anos em, praticamente, todos os rincões do país, pois se averiguou que no Sudeste a porcentagem de pessoas vivendo no estado de pobreza absoluta subiu de 12,0% para 18,5%, representando um aumento superior a 50%.

Apesar da miséria continuar se alastrando, a década seguinte foi marcada pelo fato do presidente Fernando Henrique Cardoso ter adotado uma política neoliberal. A partir de então, um amplo programa de privatizações foi deflagrado, bem como houve um arrefecimento das políticas públicas incumbidas do atendimento e equacionamento dos problemas sociais.

A diminuição do intervencionismo estatal, no âmbito social, patenteou-se com a extinção de dois institutos, a saber: Consea e Inan. O primeiro foi criado com a finalidade de “coordenar a elaboração e implantação do Plano Nacional de Combate à Fome e Miséria dentro dos princípios da solidariedade, parceria e descentralização” (Belik et al., 2002: 06), durante a gestão anterior – Itamar Franco. Já o último, que atuava na esfera da alimentação e nutrição, foi substituído por um “programa de distribuição de cestas básicas de forma instável e sujeito ao calendário eleitoral” (Belik et al., 2002: 07). Ambos foram fechados ao longo da administração de FHC.

Ademais, um outro aspecto tipicamente neoliberal fez sentir seus efeitos negativos no quadro social: a incorporação, no discurso do executivo federal, da noção de taxa de desemprego natural, que oscilaria em torno de 5% a 20% de desempregados, a depender das vicissitudes enfrentadas para controlar a inflação. Através de tal perspectiva a existência do desemprego seria considerada inerente ao funcionamento satisfatório do próprio sistema. A esse respeito, Machado (1994: 10) afirmou que “crescimento baixo é intrínseco ao

próprio mecanismo das medidas neoliberais, uma vez que a lógica dessas medidas tem sido a de assegurar taxa natural de desemprego”

A manifestação da taxa de desemprego pode ser constatada nos dez anos derradeiros do século XX, através do cotejo dos dados concernentes ao índice de emprego formal nas regiões Nordeste e Sudeste. No período de 1960 a 1980 o aludido índice cresceu em ambas, alcançando as taxas de 133% e 167%, respectivamente. Já nos 20 anos seguintes o Nordeste ainda experimentou um crescimento de 10% do mencionado índice, entretanto na outra região houve uma redução de 16% do mesmo. Semelhante constatação revelou a “diminuição da participação do emprego formal no total da ocupação, bem como da ampliação significativa do desemprego estrutural e da precarização dos postos de trabalho” (Campos et al., 2003: 50).

Ademais, percebe-se que a pobreza está se regionalizando de forma a refletir-se com maior intensidade onde o desequilíbrio social é mais marcante. Sobre semelhante assunto tem-se o caso do Nordeste, que se apresenta como uma das regiões onde a pauperização atingiu, aproximadamente, 50% dos respectivos habitantes (Campos et al., 2003: 227). Destarte, tal fenômeno torna-se ainda mais acentuado no momento em que o campo observacional é deslocado para o exame da exclusão social nas localidades menos favorecidas economicamente.

Os resultados colhidos pelo Censo de 2000 demonstraram que dos 5.507 municípios brasileiros, aproximadamente, 42% revelaram os mais ínfimos indicadores sociais. A distribuição dessa porcentagem que corresponde a, exatamente, 2.290 localidades contendo 21% da população brasileira, deu-se de maneira heterogênea pelas cinco regiões.

A heterogeneidade regional foi evidenciada pela disparidade geográfica como ocorreu a concentração dos 2.290 municípios pelo centro-sul e norte do país. No primeiro, que é composto pelo Sul, Sudeste e Centro-Oeste, evidenciou-se a menor quantidade de áreas atingidas pelo problema. Essas três regiões possuem 14% (320) do total de localidades cujo tecido social exibiu maior grau de degradação – índice inferior a 0,4. Sendo que a maior parte delas encontram-se no Sudeste, mais precisamente no estado de Minas Gerais onde estão localizadas 229 cidades, isto é, 71,5% das 320 municipalidades. Faz-se necessário enfatizar que “a maioria [está] situada no norte do estado de Minas Gerais” (Pochmann e Amorim, 2003: 37), que é marcado por problemas idênticos aos do Nordeste. Justamente por isso o norte mineiro foi inserido no âmbito de ação da SUDENE.

Já no norte geográfico do Brasil foi detectada a ocorrência da exclusão social de forma mais veemente, pois 86% dos 2.290 municípios assolados por ela, estão, atualmente, situados nas regiões Norte e Nordeste. Contudo, semelhante incidência manifestou-se de forma desigual em ambas, porquanto a primeira possui quase 71% dos seus 448 municípios vivendo sob o signo da exclusão. Ao passo que no Nordeste a situação mostrou-se ainda mais preocupante, visto que mais de 92% das localidades nordestinas foram vítimas pelo mesmo problema.

Evidentemente, a avaliação realizada na esfera regional tem revelado que o processo de exclusão social do qual os nordestinos são vítimas pode ser detectado com facilidade em quase todas as partes da mencionada região, inclusive em Sergipe. Segundo já foi visto anteriormente, todas as nove unidades federativas do Nordeste apresentaram mais de 85% dos seus respectivos municípios exibindo acentuados sinais de pauperização. Ou seja, do Maranhão até a Bahia foi constatado “uma ampla selva de exclusão, marcada pela pobreza e também pela fome, que atingem famílias numerosas, jovens, população pouco instruída e sem experiência assalariada formal” (Pochmann e Amorim, 2003: 26).

Sendo assim, Sergipe não se constituiu uma exceção em relação à realidade regional, uma vez que parcela considerável de seus habitantes, ou foi expulsa do mercado de trabalho formal ou teve o ingresso no mesmo impedido. Semelhante situação bem como outros problemas sociais foram salientados em mais de 90% das cidades sergipanas. Nesse Estado, parcela considerável da população encontra-se marginalizada estando fora do mercado de trabalho, dedicando-se às atividades qualificadas como sendo subemprego. Ilustrando essa afirmação tem-se o fato de 90,6% dos municípios sergipanos apresentarem os menores indicadores concernentes à situação social (Pochmann e Amorim, 2003).

O crescimento da miséria em solo sergipano pôde ser comprovado tanto no aumento quantitativo do grupo composto por pessoas pauperizadas, quanto nas soluções encontradas pelas mesmas para amenizar os seguintes problemas: habitação, trabalho, alimentação e outros. Os caminhos encontrados para o atendimento de tais necessidades revelaram o surgimento de um novo tipo de ator social: os catadores de lixo. Muitos dos que fazem parte do contingente de subempregados sergipanos sobrevivem da exploração dos resíduos sólidos eliminados pelas cidades, bem como muitas vezes residem com a família nos lixões. Em semelhante ambiente os indivíduos arriscam a própria saúde e integridade física – convivendo diuturnamente com

ratos, insetos e outros transmissores de doenças, objetos perfurantes e /ou cortantes, afora os demais perigos – para obter reduzidos rendimentos incapazes de satisfazer as necessidades básicas dos mesmos.

Em Sergipe, essas vítimas da exclusão social dispersaram-se por diversos monturos, onde estabeleceram residência em ambientes totalmente insalubres. Dentre eles, tem-se o lixão da Terra Dura – localizado no município de Itabaiana – que foi escolhido para ser o espaço amostral, visto que aí os excluídos depararam-se não somente com as precárias condições de vida, mas também com a humilhação e a discriminação impostas pela sociedade. Este último ponto, segundo a perspectiva de Paugam, refere-se ao “processo de desqualificação social, que é humilhante e desestabiliza o ser humano em suas relações com os outros e consigo mesmo” (1999, apud Barboza, 2003: 228).

ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Diante de todos os problemas de caráter sócio-econômico – subemprego, circunstâncias de trabalho e higiene inumanas, exposição a diversas doenças, e muitas outras – e psicossocial – baixa autoestima, descrédito social, impotência, etc – resta saber qual a visão de mundo elaborada pelos catadores de lixo do vazadouro da Terra Dura.

O termo estereótipo, que foi empregado inicialmente por Walter Lippmann em 1922 para fazer alusão a determinadas características atribuídas aos membros de certos grupos, está fundamentado, de acordo com Rodrigues (1979: 121) “em informações categoriais que temos de pessoas integrantes de certos grupos. É a atribuição a todos os integrantes de um grupo, de características encontradas em alguns membros de grupo. Consiste numa categorização uniforme de determinados grupos, discrepante das características reais”.

Semelhante concepção coadunou-se com a perspectiva adotada por Pieron (1977: 161-2). Neste caso, estereótipo foi definido do seguinte modo: “opinião pré-formada, que se impõe como clichê aos membros de uma coletividade”. Através do emprego da concepção de crença essa definição foi alargada passando a ser entendida aqui como “crença coletivamente compartilhada acerca de algum atributo, característica ou traço psicológico, moral ou físico atribuído extensivamente a um agrupamento humano, formado mediante a aplicação de um ou mais critérios” (Kruiger, 2004: 36-7).

Perante o exposto pelos três autores, patenteou-se que os estereótipos consistem na generalização de

certas características encontradas em alguns integrantes de um grupo como pertencentes a todos os demais. Destarte, tornou-se claro que os estereótipos formam a base cognitiva dos preconceitos e, conseqüentemente da discriminação.

Assim sendo, o processo de estereotipar trouxe como resultado a formação e manutenção dos preconceitos, ou seja, o estabelecimento de ideias parciais, muitas vezes negativas, referentes a alguém, alguma coisa ou situação. Semelhante definição aproximou-se da conceituação proposta no Dicionário de Psicologia e Psicanálise a qual foi assinalada como uma atitude ou sentimento que predispõe ou inclina um indivíduo a atuar, pensar, perceber e sentir de um modo que é coerente com um juízo favorável (ou, mais frequentemente, desfavorável) sobre outra pessoa ou objeto. Recusa em considerar as qualidades próprias de uma pessoa, reagindo a ela de acordo com as qualidades que correta ou erroneamente se atribuem ao seu grupo social: preconceito de classe, raça, etc (Cabral, 1979: 239).

Os fundamentos dessa conceituação foram localizados na definição elaborada por Allport (1954: 7) ao considerar o preconceito “como uma atitude hostil contra um indivíduo simplesmente porque ele pertence a um grupo desvalorizado socialmente”.

Não obstante a conceituação exposta pelo autor de *The nature of prejudice* ter sido uma das primeiras formulações propostas acerca do preconceito, atualmente esse tema passou a ser apresentado na forma de uma estrutura psicológica complexa, na medida em que adveio da aplicação combinada de estereótipos sociais negativos e sentimentos de rejeição a um mesmo grupo de pessoas (Kruger, 2004).

Assim sendo, tem-se a possibilidade de encarar o preconceito na qualidade de processo psicossocial responsável por ocasionar ou agravar conflitos e desentendimentos interpessoais e intergrupais, visto que tem a função de justificar as ações discriminatórias dirigidas contra os componentes dos grupos desprestigiados socialmente por parte de outros grupos a fim de conservar sua posição de dominação. Logo, o preconceito é produto das relações de poder assimétricas, “porque impede a autonomia do homem [...] ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo” (Heller, 2004: 59).

As atitudes ou sentimentos desfavoráveis conferidos a certos agrupamentos humanos encontraram como forma de materialização os comportamentos eivados de negatividade e injustiça manifestados contra os indivíduos vítimas dos preconceitos.

REPRESENTAÇÃO SOCIAL, IDENTIDADE SOCIAL E IDEOLOGIA

O preconceito e sua forma de expressão – a discriminação – apóiam-se nas representações sociais que foram definidas como “entidades quase tangíveis [...] que circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro” (Moscovici, 1978: 41). Ou seja, elas eram entendidas como formas de exteriorização de um “conhecimento socialmente compartilhado” a respeito dos “fenômenos” inerentes ao “mundo de cada indivíduo”, bem como em constante renovação através das interações sociais (Amado e colaboradores, 2005).

A sobredita concepção foi ampliada por Doise (1992, apud Lima e Pereira, 2004) ao receber a introdução da noção de variabilidade das representações, passando a ser conceituada deste modo: “princípios organizadores dos processos simbólicos que são derivados das posições sociais concretas dos indivíduos” (Lima e Pereira, 2004: 219). Destarte, elas podem ser depreendidas na forma de dimensões psicossociais responsáveis pela significação atribuída à organização do campo representacional, onde se dão as mudanças sistemáticas das posições ocupadas pelos sujeitos nas várias partes constitutivas das amplas teias de relações sociais.

Observando a definição proposta pelo autor de *L'ancrage dans les études sur les représentations sociales*, percebe-se que o conceito de representação social foi enriquecido por meio do emprego da ideia “sobre a identidade social, cujo pressuposto é que a atribuição de características negativas aos membros do grupo seria conseqüência do processo de categorização social cuja divisão básica seria o ‘nós’ e o ‘eles’”. A discriminação teria, como função básica, a manutenção de uma identidade ancorada nas pertencas sociais cuja valência teria que ser positiva” (Lima e Pereira, 2004: 212-3).

Diante de tudo isso, notou-se que a construção das representações sociais está associada ao estabelecimento das identidades sociais, que se deu através das manifestações de alteridade, isto é, o indivíduo formula uma imagem do grupo do qual faz parte como sendo familiar – passando a assumi-la – em oposição aos demais agrupamentos considerados como não familiares – diferenciando-se destes. Daí decorre que as representações sociais sobre a natureza dos grupos são construídas tanto pelas pertencas sociais, quanto pelas identidades sociais cuja origem encontra-se nas respectivas pertencas (Pereira e colaboradores, 2003: 04).

Diante do assinalado anteriormente, sabe-se que as identidades são provenientes das pertenças sociais, isto é, são “representações de pertença social” (Camino et al., 2005: 257). Em outras palavras, elas são construídas por meio das relações de pertencimento engendradas pelos indivíduos tanto interagindo com os integrantes do endogrupo, quanto estando em contato com os membros dos exogrupos. Com isso, evidencia-se que as noções de identidade estão relacionadas com a suposição da ideia de grupo social, pois aquelas se fundamentam através da oposição das diferenças perceptíveis no âmbito intergrupais.

Essa relação de oposição explicitou a característica contrastiva das identidades, uma vez que estas se originaram por meio do reconhecimento das diferenças existentes nas ações recíprocas nas esferas pessoais e grupais.

Por tal forma, elas são designadas como “um conjunto de formas de ser, de valores e de código sociais nos quais pessoas e grupos reconhecem suas diferenças” (D’Alésio, 1998: 279). Logo, tornou-se claro que “a identidade é aquilo que individualiza o sujeito, ao mesmo tempo que o socializa, é aquilo que o diferencia e o que o torna um igual” (Violante, 1985: 146).

Assim sendo, a teoria referente à identidade social examina os efeitos produzidos pelo aspecto social no conjunto das interações grupais bem como disponibiliza os fundamentos da constituição simbólica dos grupos sociais. Além disso, a mesma auxilia a análise da ancoragem social das representações.

A ação da ideologia na formação das identidades e representações foi assinalada por Arpini (2003), ao afirmar que “o processo de assimilação do real pelo sujeito é, em grande parte, determinado pela ideologia, pois, as representações sociais se constroem a partir da cultura e de suas determinações histórico-sociais”. Isso se deve ao fato de que as relações desenvolvidas no interior da sociedade estão eivadas pelos ‘efeitos da ideologia’ legitimadora das condições de dominação da época.

Portanto, a aplicação do modelo teórico descrito até o presente momento permite estudar as relações assimétricas de poder existente nas relações intergrupais, bem como a concomitante necessidade de justificá-las mediante o emprego de práticas discriminatórias por parte dos grupos dominantes sobre os grupos desvalorizados pela sociedade. Ademais, o exame das representações sociais mediadoras do processo de convenção das relações sociais, nas quais os sujeitos desprestigiados estão inseridos, em fenômenos psicológicos traz a possibilidade de compreender a questão da exclusão social dentro da conceituação

proposta por Xiberras (1993), pois os excluídos estão submetidos a um estado de carência ou privação material, de segregação, de discriminação e de vulnerabilidade (Castells, 1991/1995). Sendo tal situação a culpada por afetar neles o sentido de existência e as expectativas de modificar as atuais condições de vida.

E, diante de tudo que já foi exposto, este artigo tem como objetivo analisar as representações sociais da realidade dos catadores de lixo da Terra Dura em Sergipe, examinando os sentimentos autoatribuídos, a expectativa de vida e conceitos atribuídos à mão-de-obra na lixeira.

MÉTODO

Amostra

Fizeram parte desta pesquisa 10 sujeitos que trabalham catando lixo no monturo da Terra Dura que está localizado no município de Itabaiana, Sergipe. O conjunto amostral foi dividido em dois subconjuntos contendo cinco indivíduos cada um. O critério adotado para a distribuição dos sujeitos pelos respectivos grupos foi o sexo.

Desse modo um grupo foi constituído por pessoas do sexo masculino cuja faixa etária variou entre 20 e 57 anos. No segundo, o formado pelas mulheres, a diferença de idade esteve compreendida dentro do intervalo de 26 a 54 anos. O nível de escolaridade dos membros dos dois grupos mostrou-se extremamente baixo, pois o grau máximo de escolarização dos mesmos não conseguiu superar a 4ª série do primário – atualmente corresponde ao ensino fundamental –, enquanto alguns nunca estudaram.

Apesar da amostra ter sido constituída por sujeitos de ambos os sexos, não faz parte dos objetivos deste estudo analisar as diferenças de percepção, existentes entre homens e mulheres, dos efeitos psicossociais advindos da exclusão social.

Instrumento

Para a coleta das informações foi empregada a entrevista direta, estruturada ao redor de um roteiro, através do qual se procurou auferir dos entrevistados uma descrição dos dados concernentes aos seguintes temas: estereótipo, preconceito, discriminação e representação social.

A utilização do recurso da entrevista, por ser uma técnica verbal, constitui-se numa ferramenta útil para analisar a visão de mundo dos trabalhadores do vazadouro, na medida em que o estabelecimento de um diálogo entre as partes envolvidas na pesquisa possibilita o acesso às representações sociais dos sujeitos pesquisados.

Além de permitir o acesso às representações elaboradas pelos catadores de lixo, as entrevistas quando são abertas trazem um outro contributo para alcançar o propósito deste trabalho, pois concedem aos entrevistados uma maior liberdade para se expressarem e, por conseguinte, revelarem as representações de mundo formuladas por eles.

Levando em consideração os aspectos expostos sobre a entrevista aberta, adotou-se como guia para a condução do processo de coleta de informações um roteiro composto por sete perguntas, das quais seis são abertas. A única exceção pode ser classificada como semi-aberta, visto que apresentou a sua primeira metade como uma pergunta fechada, mas na sua continuação exigiu uma explicação do entrevistado para a resposta, dando-lhe, em certa medida, liberdade para respondê-la.

Procedimentos

A coleta dos dados foi realizada de forma fragmentária pela razão de ter sido dividida em três etapas: reconhecimento do ambiente, aplicação do roteiro e por último, o registro fotográfico do lixão. A tripartição do trabalho justifica-se pela necessidade do desenvolvimento de um vínculo de confiança entre pesquisador e sujeitos. Mediante a criação de tal elo foi possível penetrar na barreira ideológica responsável por alimentar sentimentos que os catadores produziram a respeito de si mesmos, os quais foram exteriorizados por meio das demonstrações de medo, desconfiança e, precipuamente, vergonha em relação às pessoas de fora da lixeira – membros dos exogrupos.

Reconhecimento do Ambiente: na primeira visita ao vazadouro da Terra Dura (Itabaiana) procurou-se tanto conhecer o ambiente quanto estabelecer os contatos iniciais com os catadores. Observou-se no lixão um cenário onde os seres humanos trabalham, muitas vezes, envoltos por uma asfíxiante cortina de fumaça proveniente da queima espontânea do lixo. O mencionado fenômeno ocorre da seguinte maneira: a luz solar ao incidir sobre os objetos de vidro que estão próximos de materiais propagadores do fogo – o papel, por exemplo – termina provocando incêndios. Ao perigo das queimaduras – em muitas ocasiões o fogo está escondido em camadas inferiores de lixo – soma-se o risco de quem trabalha no lixão de contrair alguma enfermidade transmissível pelo sangue – hepatite B e C, Aids, outras – porque o lixo hospitalar vem misturado com os demais resíduos eliminados pela cidade. Sem mencionar a constante ameaça de ser atropelado pelas caçambas que transportam o lixo. Além de observar as precárias condições de trabalho existentes na lixeira, foi possível conhecer superficialmente as pessoas que

labutam na mesma. Através desse primeiro contato com os sujeitos da pesquisa, pôde-se efetuar a triagem das perguntas que comporiam definitivamente o roteiro. Para tanto, lhes foi explicado as finalidades do estudo, bem como, os procedimentos éticos.

Entrevistas: na segunda visita realizou-se a coleta das informações por meio do diálogo orientado por um roteiro. Cada entrevista teve uma duração média de 30 minutos bem como foi desenvolvida de modo individual. Com tal expediente procurou-se dar a maior liberdade possível para os sujeitos responderem as perguntas contidas no roteiro. Deve-se recordar que a presença de outros indivíduos no decurso da entrevista pode influenciar os relatos do depoente tanto lhe impedindo, indiretamente – por causa da sua simples presença –, de expressar o que pensa e/ou sente diante do questionamento que lhe foi feito, quanto interferindo diretamente – fazendo comentários ou sugestões – sobre as respostas dadas pelo entrevistado. A ocorrência dos aludidos eventos foi verificada durante a primeira visita. Porém, não se pode deixar de notar que a presença de outras pessoas fez-se essencial para compreender os processos de interação grupal onde as representações sociais são produzidas, reproduzidas e modificadas.

A aplicação das entrevistas foi feita com prévia obtenção do consentimento dos sujeitos – mediante a assinatura de um termo de autorização – para a gravação dos diálogos. Posteriormente, houve a transcrição das conversas gravadas em fita cassete.

Registro fotográfico: na última visita houve a possibilidade de fotografar o lixão e os catadores de lixo trabalhando. Essa situação foi possibilitada devido ao elo de confiança, desenvolvido ao longo das duas etapas anteriores, entre as partes envolvidas na pesquisa. O monturo da Terra Dura foi fotografado não apenas para ilustrar o presente trabalho, mas também com a finalidade de auferir elementos capazes de auxiliar o entendimento de determinados comportamentos apresentados pelos membros do grupo de excluídos aqui estudados, conforme será visto no capítulo destinado à análise dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das informações obtidas por meio do trabalho de campo, pôde-se começar a examinar a visão de mundo dos catadores de lixo. Para tanto, procurou-se, mediante a análise de sentimentos auto atribuídos, expectativas de vida, conceitos referentes à mão-de-obra na lixeira e as relações que se estabelecem entre essas três variáveis, estudar a maneira como os sujeitos da pesquisa vêem o mundo.

A entrada em cena do campo afetivo nos trabalhos dedicados às questões referentes à exclusão significou superar a concepção de que a preocupação do pobre é unicamente a sobrevivência e que não tem justificativa trabalhar a emoção quando se passa fome. Tal fato foi confirmado ao indagar os catadores de lixo sobre: a definição de felicidade e se eles eram felizes.

TABELA 1
Categorias de respostas referentes à definição de felicidade

<i>Categoria</i>	<i>Frequência</i>
Ter saúde e recursos para viver	03
Ter saúde	02
Ter recursos para viver	02
Ter paz	01
Deus	01
Ter saúde, recursos para viver, Deus e amor	01
Total	10

A respeito da primeira pergunta houve uma variação no enunciado das respostas que levou a formulação de seis categorias, abrangendo desde possuir saúde, paz, recursos para viver até chegar a Deus e a ser amado. A definição de felicidade proposta pela maioria (30%) dos respondentes consistiu na combinação entre ter uma condição financeira e biológica boas, como foi visto nestes depoimentos: “Felicidade é a gente ter trabalho e saúde” (1º ME, 54 a); “Se a gente não tiver com o que sobreviver, se não tiver saúde para trabalhar não tem felicidade” (2º HE, 43 a).

Os dois elementos componentes dessa categoria, de acordo com as demais declarações, formaram duas outras. A primeira referiu-se a ser sadio, sendo explicitada por 20% da seguinte forma: “Eu sou feliz que tenho saúde graças a Deus” (5º HE, 31 a); “Felicidade é a gente ter saúde” (4º HE, 57 a). A segunda, que correspondeu possuir os meios para obter o necessário para sobreviver, foi expressa por 20% ao afirmarem que: “Felicidade é trabalhar e não ver minha família passando fome” (3º HE, 20 a); “A felicidade pra mim é se eu tivesse algum emprego” (5º ME, 31 a).

Já os relatos enquadrados na quarta e quinta categorias relacionaram o estar feliz, respectivamente, a paz bem como a presença de Deus, conforme foi dito pelos respondentes – 10% para cada uma – nessa mesma ordem: “A felicidade é... paz, sossego” (3º ME, 29 a); “Felicidade... Deus na vida da gente” (4º ME, 26 a). A última diz respeito ao depoimento cujo conteúdo somou quase todas as definições anteriores – afora paz – acrescida de ser amado, consoante foi averiguado nas palavras dos 10% restantes: “Felicidade é

primeiramente Deus, saúde, amor, o outro é o dinheiro” (1º HE, 55 a).

TABELA 2
Categorias de respostas referentes a considerar-se feliz

<i>Categoria</i>	<i>Frequência</i>
Sim	05
Não	03
Mais ou menos não	02
Total	10

Imediatamente após esse questionamento, os sujeitos da pesquisa foram inquiridos se eram felizes. Segundo os depoimentos auferidos, puderam-se elaborar as seguintes categorias: sim, não e mais ou menos. Metade dos entrevistados respondeu positivamente inscrevendo-se na primeira. Enquanto os demais se dividiram entre as duas restantes. Acerca da terceira, 20% exprimiram-se utilizando termos como “mais ou menos” e “médio”. Com isso eles revelaram um estado intermediário de felicidade.

O interessante nessas duas últimas categorias, que abrangeram os outros 50% dos respondentes, foi o fato dos mesmos expressarem o sofrimento e a dor provocados pelo tratamento desigual ou desfavorável que lhe são impostos pelos membros dos exogrupos. Semelhante forma de relacionamento injusta é alimentada pelos “estereótipos de deslegitimação [que] visam a excluir moralmente um grupo do campo de normas e valores aceitáveis, por uma desumanização que autoriza a expressão do desprezo” (Jodelet, 2004: 64) (Tabela 3).

Essa desumanização, apontada por Denise Jodelet, foi interiorizada coletivamente pelos integrantes do grupo alvo deste estudo. Tal interiorização pôde ser constatada em dois momentos distintos, ao longo do trabalho de campo. Primeiramente, ela manifestou-se mediante a vergonha que eles demonstraram estar sentindo diante da presença de um elemento estranho na lixeira – neste caso particular, o pesquisador.

O segundo momento, ocorreu quando muitos dos que trabalham no monturo da Terra Dura se recusaram a ser fotografados. As alegações fornecidas pela maioria deles, a fim de justificar a recusa, consistiram, basicamente, na seguinte afirmação: “Não tire foto minha, sou feia”. Tais palavras foram acompanhadas de inúmeros atos de idêntica significação, como: esconder o rosto dentro de uma caixa, cobri-lo com as mãos, virar-se de costas, e até mesmo fugir.

A explicação para semelhantes comportamentos foi vislumbrada durante a continuação da entrevista,

mais precisamente, desta pergunta: o que você acha que as outras pessoas pensam de você? As informações coletadas revelaram um rico conjunto formado por expressões e gestos depreciativos, consoante se verificou nas seguintes declarações:

“Muita gente chama a gente de nojento, quer ser melhor do que a gente, até aqui dentro mesmo no Oiteiro do Capim tem muitas que aqui passava pela gente e tapava o nariz.” (2º HE, 43 a)

“Diz que eu sou lixeiro, eu sou mais pobre do que elas, e quando ver a gente cospem, desfaz muito da gente.” (3º HE, 20 a)

“Fica desfazendo da gente, chama de lixeiro, vai morrer pra lá no lixo. Fica desfazendo muito porque tem um emprego.” (3º ME, 29 a)

Não obstante tais depoimentos, alguns respondentes disseram que não haviam percebido qualquer forma de manifestação discriminatória.

TABELA 3
Categorias de respostas referentes à percepção da discriminação pelos catadores

<i>Categoria</i>	<i>Frequência</i>
Discriminado	08
Não discriminado	02
Total	10

A análise dos dados revelou duas situações aparentemente distintas, de um lado, 80% dos indivíduos assumiram abertamente, ter sido vítima da discriminação enquadrando-se na categoria 1, do outro lado, 20% negaram-na, inserindo-se na segunda. No entanto, quem disse não a ter percebido apresentou uma excessiva timidez, através da qual procuravam esconder o sofrimento causado pelo desprezo que lhes foi imposto pelo restante da sociedade.

Considerando tanto essa “timidez” quanto “os efeitos negativos das atitudes discriminantes sobre a estima” (Jodelet, 2004: 63) dos indivíduos, pode-se ponderar que todos os sujeitos da pesquisa foram vítimas de alguma forma de discriminação, inclusive aqueles que afirmaram não ter notado tal tratamento. Destarte, notou-se que a vergonha se constituiu num “sentimento moral generativo e ideologizado com a função de manter a ordem social excludente” (Sawaia, 2004: 102). Logo, pôde-se patentear que a manutenção da condição de excluído deu-se através de práticas discriminatórias e preconceituosas dirigidas contra

os catadores de lixo que terminaram interiorizando a base cognitiva – estereótipo – delas e, por conseguinte, produzindo uma concepção negativa de si mesmo.

Em termos da expectativa de vida está sendo compreendida, neste trabalho, como “a impressão geral da pessoa sobre suas próprias capacidades, com base nos tipos de experiências vivenciadas” (França, 1995: 29). Com isso, notou-se que elas podem variar de acordo com as diferentes formas como cada indivíduo percebe as relações de causalidade que perpassam todas as suas experiências tanto no ambiente social, quanto nas situações particulares.

TABELA 4
Categorias de respostas referentes à perspectiva de futuro

<i>Categoria</i>	<i>Frequência</i>
Melhorar de vida	04
Aposentar-se	03
Bom emprego	02
Nenhuma	01
Total	10

A relação entre expectativa e percepção das causas dos eventos pelos sujeitos remete ao conceito de locus de controle. Conforme O'Brien (1984) frisou “locus de controle é a expectativa do indivíduo sobre a medida em que seus reforçamentos se encontram sob controle interno (esforço pessoal, competência, etc) ou externo (as outras pessoas, sorte, chance, etc)” (apud Alves, Pasquali e Pereira, 1998: 02). Em outras palavras, trata-se de uma propensão do sujeito de atribuir a si mesmo um papel ativo ou passivo sobre os eventos diretamente relacionados a sua própria vida.

Esse entendimento coadunou-se com a definição proposta por Wenzel (1993) que uma pessoa percebe a relação entre seus esforços e o resultado de um evento. Caso esta relação esteja clara para o indivíduo, diz-se que ele é internamente orientado, ao passo que quando a relação não é clara, a pessoa passa a responsabilizar outros fatores pelo sucesso ou fracasso de determinada ação. Nesse caso, diz-se que ela é externamente orientada (apud Abbad e Meneses, 2004: 03).

Para o conhecimento das expectativas e do locus, aplicou-se aos sujeitos da pesquisa duas indagações que se complementam mutuamente. A primeira questionou-os sobre o que aguardavam do futuro. A segunda interrogou-os acerca dos fatores de cuja influência dependia a melhora de suas vidas.

Com referência à pergunta inicial, os relatos fornecidos pelos entrevistados caracterizaram-se por estes enunciados:

“Ah! Que melhore mais, porque do jeito que tá, se não melhorar mais não tem como a pessoa sobreviver, né?” (2º HE, 43 a)

“Eu chegar até os 60 anos para ver se Deus me ajude que eu me aposente pra cuidar tá aqui, dos meus filhos.” (4º HE, 57 a)

“Eu espero do futuro um bom emprego, alguma coisa melhor.” (2º ME, 38 a)

“Rapaz o futuro que espero é o mesmo que nós estamos passando, porque melhor não tem não. Se não for pior que melhor desse jeito que tá aí não...” (5º HE, 31 a)

Diante do conteúdo de tais depoimentos, estabeleceu-se o seguinte conjunto de categorias: melhorar de vida (40%); aposentar-se (30%); conseguir um bom emprego (20%); e nenhuma esperança de futuro melhor (10%).

Observando a disposição das informações, percebeu-se que quase a totalidade (90%) dos respondentes demonstrou esperar mudanças para melhor em suas vidas, num momento vindouro. As respostas concernentes às duas primeiras categorias, em comparação com as outras, apresentaram certas especificidades. Por exemplo, o aguardar a aposentadoria foi uma constante em todos cuja faixa etária havia excedido os 50 anos. Já as pessoas cuja perspectiva de futuro associou-se a categoria 1 não explicaram como a melhora em suas vidas ocorreria.

TABELA 5
Categorias de respostas referentes aos fatores que influenciam para melhorar a vida dos catadores

<i>Categoria</i>	<i>Frequência</i>
Deus	03
Governo	03
Deus e o governo	03
Deus e o próprio indivíduo	01
Total	10

Na sequência, a indagação anterior foi complementada mediante aplicação da pergunta relativa aos elementos apontados pelos pesquisados como capazes de proporcionar uma melhora em suas vidas. Dentre as várias declarações, pôde-se destacar as seguintes:

“A minha melhora depende de Deus. Deus é que olha para mim. Não é ninguém que vai olhar.” (3º HE, 20 a)

“Depende sim a todos. É o seguinte, o governo tem três, municipal, estadual e federal, então preciso de todos eles.” (4º HE, 57 a)

“Eu preciso de Deus que Ele sempre me ajude. E o governo que eu quero me aposentar, que sou doente.” (1º ME, 54 a)

“Rapaz, depende de Deus primeiro lugar, em segundo da gente mesmo, porque do governo não tem nada não.” (5º HE, 31 a)

Cada um desses exemplos correspondeu, nessa ordem, às categorias: Deus, na qual se inseriu 30%; governo, apontado por 30%; Deus e governo, para 30%; Deus e o próprio indivíduo, segundo 10%.

Levando em consideração essas quatro categorias, evidenciou-se que os catadores de lixo associaram a realização de suas aspirações como dependentes da ação de Deus e/ou do governo. Essa dependência deixou entrever a perda da “crença”, por parte dos mesmos, na própria capacidade de exercer uma “influência eficaz [...] sobre o meio social e sobre as situações de sua vida cotidiana” (Pessoa, 1983, apud França, 1995: 31).

A impotência em alterar as próprias condições de existência demonstrou que eles possuem um locus de controle caracterizado pela predominância da externalidade, ou seja, as suas expectativas de uma vida melhor “envolve explicações nas quais a fonte de controle dos eventos está localizada fora do sujeito” (Bachetti et al., 2005: 04). Contudo, deve-se lembrar – conforme assinalou La Rosa – que semelhante situação não somente decorre de uma percepção negativa da própria realidade por parte dos indivíduos, mas principalmente é produzida por alguns fatores do ambiente micro (como as péssimas condições de trabalho e a baixa renda) e macrosocial (como a discriminação e o preconceito a que estão submetidos), os quais muitas vezes, por não serem controlados por eles, afetam os seus níveis de externalidade (1991, apud Abbad e Meneses, 2004).

Assim sendo, notou-se que a estigmatização e a experiência de desumanização, a que os catadores foram submetidos, terminaram engendrando uma “impressão geral” negativa a respeito das próprias capacidades de modificar as condições de existência. Portanto, evidenciou-se que a expectativa de vida dos catadores de lixo caracteriza-se por trazer em si um sentimento de impotência – comum a todos – que contribui para

conservar a atual “ordem social excludente” na qual estão inseridos.

TABELA 6
Categorias de respostas referentes ao significado do trabalho na lixeira

<i>Categoria</i>	<i>Frequência</i>
Falta de opção	03
Falta de opção e sustento	03
Necessidade	02
Não soube responder	02
Total	10

Passando a analisar os conceitos atribuídos à mão-de-obra na lixeira, verificou-se que os indivíduos que labutam no vazadouro da Terra Dura, devido à informalidade da sua atividade econômica, recebem o mínimo de benefícios dispensados pelo Estado. Essa situação de exclusão social provocou-lhes “a projeção para a esfera da subjetividade da inutilidade, do não reconhecimento da potencialidade do sujeito para participar da vida coletiva e integrar-se aos valores sociais considerados positivos” (Abbad e Meneses, 2004: 92).

O sentir-se inútil socialmente manifestou-se nas concepções que eles elaboraram sobre o próprio trabalho na lixeira. Procurando conhecê-las foi inquirido aos mesmos, o significado de trabalhar no lixão.

Conforme os dados auferidos, constatou-se que 30% dos sujeitos definiram o trabalhar com o lixo como única alternativa de trabalho a que tiveram acesso (categoria 1). Tal concepção foi ampliada através do acréscimo da ideia de sustento por parte de outros 30% (categoria 2). Aproximando-se dos dois supracitados entendimentos, mas apresentando um caráter mais genérico, 20% dos entrevistados compreenderam a atividade na lixeira como necessidade (categoria 3). Já os 20% restantes não conseguiram responder a indagação (categoria 4), pois se limitaram a descrever os procedimentos executados para a coleta e separação do lixo.

Considerando não somente o conteúdo das respostas, mas também as alterações ocorridas na entoação de voz e expressão facial dos respondentes, evidenciou-se a decepção deles tanto com o trabalho – sobreviver do lixo – quanto consigo mesmo – ser incapaz de mudar de atividade. Esse sofrimento ficou ainda mais patente, quando lhes foi feito o seguinte questionamento: após começar a trabalhar no lixão, você já se sentiu decepcionado, triste, frustrado consigo mesmo e/ou com seu trabalho?

Diante da indagação, porção considerável (70%) dos sujeitos confirmou já haver se sentido triste depois de ter começado a labutar no lixão. Eles destacaram como razões para a tristeza: os conflitos provocados pela inveja (categoria 3), segundo 10%; os exíguos proventos obtidos com tal labor (categoria 1), de acordo com 20%; e para 40% as péssimas condições de trabalho (categoria 2) – o calor, o mau-cheiro, os insetos, o contato com o lixo hospitalar e objetos perfurantes/cortantes. Acerca dos 30% restantes (categoria 4), pode-se interpretar a sua resposta – nunca ter se sentido triste – como uma tentativa de esconder o próprio sofrimento. Ou melhor, como se o ato de falar abertamente sobre as sensações, que eles têm em relação ao fato de sobreviver da exploração do lixo, intensificasse aquilo que mais os atormenta: “a dor mediada pelas injustiças sociais” (Sawaia, 2004: 102).

Destarte, patenteou-se que o sofrimento expresso pelos catadores adveio da subjetivação da desvalorização social, com a qual foram tratados pelos grupos dominantes. Essa interiorização refletiu-se sobre os conceitos atribuídos à mão-de-obra na lixeira, caracterizando-os com “um status marginalizado, privado de prestígio e de poder” (Jodelet, 2004: 63).

TABELA 7
Categorias de respostas referentes à sensação de tristeza e os seus motivos

<i>Categoria</i>	<i>Frequência</i>
Baixa renda	02
Condições de trabalho	04
Conflito	01
Nunca sentiu	03
Total	10

Partindo para as relações entre autoestima, expectativa de vida e representação do trabalho e atentando para o exposto nos tópicos anteriores, vislumbrou-se um elemento comum a todos os sujeitos pesquisados: a interiorização dos conceitos depreciativos que lhes foram atribuídos por determinados grupos da sociedade. Esse processo de interiorização fez sentir seus efeitos na autoestima, expectativa de vida e representações do trabalho elaboradas pelos indivíduos.

A esse respeito, os catadores de lixo subjetivaram a desvalorização social pela qual tem passado e, conseqüentemente, reproduziram-na na própria autoestima. Conforme foi percebido no sentimento de vergonha que perpassou tanto seus discursos quanto suas atitudes e comportamentos. Tal sentimento era

produzido pela sensação – que eles incorporaram – de estar despossuídos não apenas do mínimo de valores socialmente positivos, mas, principalmente, da própria condição humana. Assim sendo, eles elaboraram uma autoimagem negativa.

A sensação de desumanização inscrita na autoimagem desses indivíduos também se refletiu nas suas expectativas de vida, pois contribuiu para reforçar-lhes a crença na incapacidade de obtenção de sucesso por meio de suas ações. Semelhante situação deveu-se à razão das expectativas serem formadas através das diversas experiências pelas quais as pessoas passam. Dentre elas pode-se destacar as diferentes maneiras de relacionamento estabelecidas entre indivíduo, trabalho e sociedade, pois a discriminação – aqui estudada – proveio da estigmatização e do não reconhecimento do trabalhador do lixão como sujeito.

No meio social onde eles vivem, esse tipo de relação caracterizou-se por portar um forte teor depreciativo, na medida em que o trabalho com o lixo foi apontado como inútil por alguns grupos da sociedade. Essa desvalorização ao ser interiorizada pelos mesmos provocou de um lado, o aprofundamento da sua autoimagem negativa e, do outro lado, reforçou a sua expectativa de vida desfavorável.

Diante disso, tornou-se claro que os estereótipos – fundamento cognitivo dos preconceitos e, por conseguinte, da discriminação referente ao trabalhar no monturo – foram subjetivados pelos catadores. Mediante a interiorização da base cognitiva das práticas preconceituosas, eles plasmaram a própria representação do trabalho, a autoestima e a expectativa de vida.

Contudo, esse processo se desenvolveu de forma conflituosa, porquanto os sujeitos, ao percebê-lo, reagiram por meio da exteriorização do sofrimento. Segundo Sawaia (2004: 109), “na gênese desse sofrimento está a consciência do desvalor, da deslegitimidade social e do desejo de ser gente”. Portanto, assinalou-se que apesar da representação do trabalho repleta de negatividade ter sido incorporada e reproduzida – contaminando consequentemente a autoestima e a expectativa – pelos catadores de lixo, estes expressaram mediante a “verbalização do sofrimento” – segundo foi visto durante a pesquisa – a reivindicação de ser reconhecido socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos da pesquisa, pelo motivo de exercerem um trabalho desprestigiado socialmente, foram vítimas de inúmeros atos de desprezo provenientes dos grupos dominantes existentes na sociedade. Conforme já foi visto, essas práticas foram expressas através de um

diversificado aparato discriminatório manifestado por meio de um tratamento humilhante dispensado aos menos favorecidos economicamente.

As finalidades das práticas discriminantes não se limitaram somente a humilhação dos mais pobres, mas trouxeram em si objetivos muito mais abrangentes como dominá-los. A humilhação é apenas a ponta do iceberg do processo ensejado pela discriminação na medida em que o seu escopo real é a legitimação de determinadas relações de dominação por meio da vergonha suscitada pelo desprezo imposto aos desvalorizados socialmente.

Semelhante relação, estabelecida entre os agrupamentos humanos componentes da sociedade, caracterizou-se pelo não reconhecimento do outro – neste caso os catadores de lixo – como sujeito. Para tanto, os grupos dominantes buscaram desfigurar os trabalhadores do lixão atribuindo-lhes um status de não humano, ou seja, classificando-os num patamar intermediário entre os homens e os animais.

A estratégia da desumanização foi desenvolvida mediante a aplicação de estereótipos cuja origem se encontrava associada aos conceitos conferidos ao lixo. Esse fato foi revelado pelas narrativas coletadas durante o transcorrer da pesquisa, visto que quem trabalha no lixão recebeu uma valorização muito próxima da atribuída aos resíduos urbanos depositados nos monturos. Acerca de tal assunto, faz-se necessário lembrar que quase todos os sujeitos disseram que as demais pessoas, quando os viam, cuspiam, tapavam o nariz, além de adotarem outros comportamentos cujo significado caminhava muito perto do nojo sentido em relação ao lixo.

Nesse contexto, os sujeitos da pesquisa, ao se depararem tanto com a própria pobreza, que os obriga a ganhar o pão de cada dia explorando o lixo, quanto com os tratamentos injustos que recebem de partes da sociedade, elaboraram uma visão de mundo repleta de atributos negativos. Ou melhor, eles formularam uma representação de mundo envolvendo, concomitantemente, uma concepção eivada de valores e noções depreciativas de si mesmos – uma identidade social caracterizada pela ausência de prestígio e poder no meio onde vivem – e uma interpretação da própria condição sócio-econômica como sendo inevitável.

Tal visão carregada de negatividade sobre o mundo foi produzida e continua a ser alimentada pelas práticas discriminantes que visam a preservar as relações de dominação desenvolvidas no interior da sociedade. No tocante aos catadores de lixo, as manifestações concretas de preconceito destinaram-se a conservar a sua condição de excluídos ao privá-los não somente – como frisou Yazbek (1996) – dos bens ou recursos

materiais necessários a sua conservação e reprodução social, mas principalmente – consoante evidenciou Xiberras (1993) e Sawaia (2004) – do reconhecimento como sujeito – do status de “ser gente”.

Em suma, pode-se afirmar que tais tratamentos desfavoráveis são engendrados com a finalidade de estabelecer e justificar uma espécie de controle sobre o grupo em questão – limitando as suas ações, reivindicações e aspirações, portanto, mantendo a ordem social em voga –, ao impor-lhe uma qualificação inferior legitimadora da condição social a qual está submetida.

Este trabalho conclui, portanto, a urgente necessidade de um olhar mais acurado acerca dessa problemática social devido à escassez de estudos sobre o tema bem como às próprias limitações do presente estudo. Com referência as limitações, pode-se destacar que a riqueza de detalhes e de elementos, inerentes a uma temática complexa e pouco explorada como essa, propicie uma pluralidade de informações que esta pesquisa bem como as outras existentes – hodiernamente – somente abriram as portas para que estudantes e pesquisadores ocupados com o ofício da Psicologia Social – ou de qualquer outro campo das ciências – possam futuramente explorar. Assim sendo, este trabalho pretendeu, através do grito – desejo – de quero “ser gente” encontrado também na visão de mundo dos catadores de lixo, chamar a atenção dos espíritos mais sensíveis das precárias condições de existência não apenas socioeconômicas, mas precipuamente psicossociais daqueles que trabalham revirando o lixo para sobreviver.

REFERÊNCIAS

- Abbad, G. & Meneses, P. P. M. (2004). Locus de controle: validação de uma escala em situação de treinamento. *Revista Estudos de Psicologia*, Natal, 9(3), 441-450.
- Allport, G. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge: Addison-Wesley.
- Almeida, R. (1985). *Nordeste: desenvolvimento social e industrialização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Alves, A. R., Pasquali, L. & Pereira, M. A. M. (1998). Escala de locus de controle ELCO/TELEBRÁS. Porto Alegre, *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(2).
- Amado, V. A., Freitas, S. M. de, Ieno, G. & Camino, L. (2005). Ocupações rurais: capacidade de mobilização e contradições internas do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra. In Torres, A. R. R., Lima, M. E. O. & Costa, J. B. da. (org.). *A psicologia política na perspectiva psicológica: o estudo das atividades políticas* (Vol. I; pp. 111-138). Goiânia: UCG.
- Arpini, D. M. (2003). *Violência e exclusão: adolescência em grupos populares*. Bauru: EDUSC.
- Bachetti, L. S., Bandeira, M., Ferreira, T. L., Quaglia, M. A. C. & Souza, G. G. de. (2005). Comportamento assertivo e sua relação com ansiedade, locus de controle e autoestima em estudantes universitários. *Campinas*, 22(2), 111-121.
- Barboza, D. (2003). A constituição do sujeito excluído catador de material reciclável e a construção da sua cidadania. In K. S. Ploner (org.). *Ética e paradigmas na psicologia social* (pp. 225-236). Porto Alegre: ABRAPSOSUL.
- Baumer, M. H., Gomes, R., Spinelli, C., Moraes, R., Loureiro, M., Siqueira, B., Magruga, R. B. & Silva, I. I. As cargas de trabalho presentes no posto de trabalho dos coletores de lixo domiciliar. Campinas: UNICAMP.
- Belik, W. & Maluf, R. S. (2000). Abastecimento e segurança alimentar: Os limites da liberalização. Campinas: Unicamp.
- Cabral, Á. (1979). *Dicionário de Psicologia e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.
- Camino, L., Torres, A. R. R. & Costa, J. B. da. (2005). Identificação partidária, identidade social, voto e cidadania. In Lima, M. E. O., Costa, J. B. da & Torres, A. R. R. (org.). *A psicologia política na perspectiva psicossociológica: o estudo das atividades políticas* (pp. 255-272). Goiânia: UCG.
- Campos, A., Pochmann, M., Amorim, R. & Silva, R. (orgs.). (2003). *Atlas da exclusão social no Brasil: Dinâmica e manifestação territorial*. São Paulo: Cortez.
- Carreiro, T. C. (2004). “Doença como Projeto” – uma contribuição à análise de formas de filiações e desfiliações sociais. In Sawaia, B. B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade* (pp. 87-96). Petrópolis: Vozes.
- Cohn, G. (1978). Problemas da industrialização no século XX. In Mota, Carlos Guilherme (org.). *Brasil em perspectiva*. Rio de Janeiro: Difel.
- Costa, A. A. A., Passos, E. & Sardenberg, C. M. B. (2000). Seminário de aprofundamento do trabalho com gênero no Pró-Gavião. Textos de apoio I. Vitória da Conquista: REDOR/NEIM-CAR.
- D’Alésio, M. M. (1998). Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. In: D’Alésio, M. M. *Projeto história*. São Paulo: EDUC.
- França, D. X. (1995). *O comportamento político: uma análise psicossocial em termos de expectativa*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba.
- Franco Filho, G. S. (1998). *Globalização e desemprego: mudanças nas relações de trabalho*. São Paulo: LTr.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Heller, A. (2004). *O cotidiano e a história*. (Trad. Coutinho, C. N.). São Paulo: Paz e Terra.
- Hoffman, H. (1980). *Desemprego e subemprego no Brasil*. São Paulo: Ática.
- Ianni, O. (1996). *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Jodelet, D. (2004). Os processos psicossociais da exclusão. In Sawaia, B. B. *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 53-66). Petrópolis: Vozes.
- Kruger, H. (2004). Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In Lima, M. E. O. & Pereira, M. E. *Esteriótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: EDUFBA.
- Lima, M. E. O. & Pereira, M. E. (org.). (2004). *Esteriótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas*. Salvador: EDUFBA.
- Machado, L. R. de S. (1994). Mudanças tecnológicas e a educação da classe trabalhadora. In Kuenzer, A. Z. et al. *Trabalho e educação*. São Paulo: Papirus.
- Marques, A. M. & Amâncio, L. (2004). Medicina e Masculinidade: da predominância numérica à dominação simbólica. In Vala, J., Garrido, M. & Alcobia, P. (org.). *Percurso da investigação em psicologia social e organizacional* (pp. 201-220). Lisboa: Colibri.

- Marx, K. (1999). *O capital: crítica da economia política*. Lisboa: Difel.
- Mendonça, S. R. de. (1995). As Bases do Desenvolvimento Capitalista Dependente: da industrialização Restringida à Internacionalização. In Linhares, M. Y. (org.). *História geral do Brasil* (pp. 267-300). Rio de Janeiro: Campus.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pereira, C., Torres, A. R. R. & Almeida, S. T. (2003). Um estudo do preconceito na perspectiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95-107.
- Pieron, H. (1977). *Dicionário de psicologia*. Porto Alegre: Globo.
- Pochmann, M. & Amorim, R. (2003). *Atlas da exclusão social no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- Rezende, Maria J. de. (1993). As desigualdades sociais. In Tomazi, N. D. (coord.). *Iniciação à sociologia* (pp. 83-123). São Paulo: Atual.
- Rocha, Sônia. (1995). Governabilidade e pobreza: o desafio dos números. In Valladares, L. & Coelho, M. P. (orgs.). *Governabilidade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Rodrigues, A. (1979). *Estudos em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Sá, C. P. (1995). Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In Spink, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social* (pp. 19-45). São Paulo: Brasiliense.
- Sawaia, B. B. (2004). O sofrimento ético – político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In Sawaia, B. B. (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 97-118). Petrópolis: Vozes.
- Severino, A. J. (2000). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
- Silva, F. C. T. (1995). A modernização autoritária: do Golpe Militar à redemocratização. In Linhares, M. Y. (org.). *História geral do Brasil* (pp. 301-334). Rio de Janeiro: Campus.
- Souza, C. M. B. (2002). Memória e envelhecimento: revisitando identidades ameaçadas. In Ferreira, S. L. & Nascimento, E. R. (orgs.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA.
- Spink, M. J. (1995). O estudo empírico das representações sociais. In Spink, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social* (pp. 85-108). São Paulo: Brasiliense.
- Sposati, A. (2002). *Regulação social tardia: características das políticas sociais latino-americanas na passagem entre o segundo e o terceiro milênio*. Socialis Reflexiones Latinoamericanas sobre Política Social, Rosário/Argentina (Vol. 1; pp. 51-68).
- Uga, V. D. (2003). *Dossiê Teoria Política: a categoria “pobreza” nas formulações de política social do Banco Mundial*. Rio de Janeiro.
- Violante, M. L. (1985). *Identidade e marginalidade*. São Paulo: EDUC.
- Xiberras, M. (1993). *Les théories de l'exclusion*. Paris: Meridiens Klincksick.
- Yazbek, M. C. (1996). *Classes subalternas e assistência social*. São Paulo: Cortez.

Recebido em: 28.01.2011. Aceito em: 02.03.2012.

Autores:

Jairo Andson Oliveira – Graduado em Psicologia pela Faculdade Pio Décimo (Aracaju-SE), Psicólogo na Prefeitura de Frei Paulo (SE).
 Sheyla Christine Santos Fernandes – Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Bahia, Professora adjunta do curso de psicologia da Universidade Federal de Alagoas. <sheylacsfernandes@msn.com>.
 Saulo Santos Menezes de Almeida – Doutorando em Psicologia Social pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Sergipe. <saulosma@hotmail.com>.

Enviar correspondência para:

Jairo Andson Oliveira
 Av. Dr. Francisco Moreira, 801 – Cond. Jd. das Orquídeas, H 302
 CEP 49047-000, Aracaju, SE, Brasil
 E-mail: saulosma@hotmail.com